

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PROIBIDO PRA CHATO
ETNOGRAFIA SOBRE O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS EM UM
“BAR DE BAIRRO”

EDUARDO D. ZANELLA
PORTO ALEGRE
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PROIBIDO PRA CHATO

ETNOGRAFIA SOBRE O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS EM UM
BAR “DE BAIRRO”

Monografia apresentada como requisito
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Dra. Fabíola Rohden

EDUARDO D. ZANELLA

PORTO ALEGRE

2010

BANCA EXAMINADORA

Dr. CALEB FARIA ALVES

Dra. DENISE FAGUNDES JARDIM

Orientadora

Dra. FABÍOLA ROHDEN

AGRADECIMENTOS

Para minha mãe, Marlene, e em memória de meu pai, João. Por todo empenho que tiveram comigo, por me incentivarem e se esforçarem para que eu permanecesse no curso de Ciências Sociais.

À Francine, por me ajudar em minhas inseguranças, sempre conseguindo superá-las e me tranquilizando.

A meu tio, Gilberto, pelas estimulantes conversas sobre o consumo de bebidas alcoólicas e sobre as possibilidades de estudos de outros modos de vida.

À minha orientadora, Fabíola Rohden, pela atenção que dedicou e pela confiança depositada em mim e no meu trabalho.

Aos meus amigos e fregueses do bar onde realizei esse trabalho. Obrigado pela amizade, pela qualidade das discussões e pela disponibilidade que tiveram para discutir a pesquisa.

A todos meus amigos, em especial Arthur, pelas tarde e noites passadas no bar, e Patrick, por todo auxílio que me ofereceu e por me estimular a trabalhar “em” e “nos” bares.

RESUMO

Esse trabalho é baseado em uma pesquisa etnográfica sobre o consumo de bebidas alcoólicas, realizada de março a outubro de 2010, em um bar popular da cidade de Porto Alegre. As práticas sociais de beber foram analisadas a partir do sentido das regras que as conformam. Por meio das prescrições e proscricões que orientam o beber, o presente estudo pretendeu compreender como as pessoas que freqüentam esse bar constroem suas concepções acerca dos usos e abusos das bebidas alcoólicas. As fronteiras entre o adequado e o inadequado no consumo alcoólico foram pensadas a partir das relações sociais do bar, do jogo de sinuca e dos ideais de masculinidade. Esses foram os elementos mais significativos percebidos em campo para se pensar as relações entre homens e bebidas.

Palavras Chaves:

Álcool, Sociabilidade, Gênero, Etnografia

ABSTRACT

This work is based on an ethnographic research on the alcohol consumption, conducted from March to October 2010, in a popular bar of Porto Alegre. The practices of social drinks was analyzed from the meaning of the rules that conform it. Through the prescriptions and proscriptions of drinking, this study aimed to understand how people who frequent this bar constructed conceptions of the uses and abuses of alcohol. The boundaries between appropriate and inappropriate in drinking were conceived on the basis of social relations in the bar, snooker and the ideals of masculinity. These were perceived as the most significant aspects to think about the relations between man and drinks.

Key Words:

Alcohol, Sociability, Gender, Ethnography

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
-------------------------	---

Capítulo 1 – CHEGANDO AO BAR E SENTANDO-SE À MESA

1.1 - O bar.....	11
1.2 - Os fregueses.....	13
1.3 - A bebida nas ciências sociais.....	16
1.4 - Problematizando fronteiras.....	18
1.5 - Caráter sociológico das maneiras de beber.....	19
1.6 - Compreensão significativa do beber.....	21
1.7. - A antropologia para o consumo de bebidas alcoólicas.....	21
1.8 - A etnografia.....	24

Capítulo 2 – SOCIABILIDADE “DE BAR”

2.1 - Tempos diferentes.....	27
2.2 - O bar dentro do pedaço.....	28
2.2.1 - As vantagens do bar.....	31
2.2.2 - Beber em público.....	33
2.3 – Álcool e sociabilidade.....	34
2.3.1 - Formas de sociabilidade.....	36
2.3.2 - A sociabilidade como um fim em si mesmo.....	37
2.3.3 - Sociabilidade e forma de controle.....	38
2.4 - Exclusão e inclusão.....	39

Capítulo 3 – BILUS, CAPOTES E FILÉS

3.1 - Os jogos do bar.....	43
3.2 - A lógica da partida.....	44
3.3 - Partidas emocionantes.....	45
3.4 - Unanimidade do bar.....	47
3.5 - Por meio do manuseio de um taco e na mira de uma bola	49
3.5.1 - Sinuca e personalidade.....	50
3.5.2 - Sinuca e status social.....	51
3.6 - Técnicas corporais.....	53
3.6.1 - Uma específica forma de perceber e lidar com o excesso.....	54

Capítulo 4 – HOMENS, MULHERES E BEBIDAS

4.1 - Várias masculinidades.....	57
4.2 - Homens e mulheres.....	59
4.3 – Autocontrole.....	61
4.3.1 - Vários controles, várias masculinidades.....	62
4.3.2 - Beber masculino e o beber feminino.....	63
4.4 - O trabalho.....	65
4.4.1 - A valorização masculina do trabalho.....	66
4.4.2 - Trabalho e lazer.....	68
4.5 - Bar e beber como elementos masculinos.....	69

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74
----------------------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

“Proibido Pra Chato” é um estudo etnográfico sobre o consumo de bebidas alcoólicas em um bar popular da cidade de Porto Alegre. A partir de uma perspectiva antropológica, o presente trabalho tenta compreender qual a relação que os indivíduos mantêm com o beber e qual o sentido que atribuem a essa prática.

O trabalho de campo foi realizado no período de março a outubro do ano de 2010, embora o meu relacionamento com as pessoas que compõem o universo de pesquisa seja mais antigo. Conheço o bar e alguns fregueses há aproximadamente cinco anos. Entendo essa relação como parte de minha sociabilidade com as pessoas do bairro, circulo pelo bar com relativa normalidade e sou inclusive convidado para atividades que transcendem seu espaço. São pessoas que tenho prazer em conversar no meu “tempo livre”, desfruto de suas companhias de maneira positiva em um ambiente que me é agradável.

Devido a esta proximidade, minha presença no bar foi percebida com informalidade, fazendo com que houvesse momentos de grande descontração durante o trabalho de campo. O clima de diálogo preponderou durante toda a pesquisa, fazendo com que os fregueses desse bar sejam melhor compreendidos enquanto interlocutores do que como informantes. Ou seja, são pessoas com as quais discuti opiniões, idéias e hipóteses e não apenas sujeitos que me informavam sobre determinados aspectos de suas vidas.

Assim, algumas histórias contadas no decorrer do texto são referentes a esse tempo anterior de convivência. Através da postura etnográfica, essas histórias foram re-interpretadas e vistas por um ângulo novo. Desse modo, sempre que menciono algo que aconteceu antes do trabalho de campo propriamente dito, situo tal fato no tempo e no espaço. Visto que os acontecimentos narrados nessa monografia foram discutidos com os envolvidos, não me senti constrangido em evocar esses episódios anteriores. Compreendo que não há motivo para isso na medida em que sempre deixei claro que estava fazendo um trabalho e que se alguma coisa não deveria ser relatada eles poderiam me informar. Também alguns casos narrados no decorrer do texto irão se repetir, isso acontece porque são ilustrativos de conteúdos diversos abordados nesse trabalho.

Omiti a localização exata do bar e o nome verdadeiro das pessoas que o freqüentam. Em primeiro lugar, essa atitude é tomada para preservar o anonimato das pessoas envolvidas. Entendo que essa seja uma posição adequada em função de haver caça-níqueis no local, por ser um bar freqüentado por garotas de programa e por alguns indivíduos fazerem uso de substâncias psicoativas ilegais. Esses fatos são abordados não somente para descrição do

universo de pesquisa, mas também porque possuem peso nas idéias que estão expostas ao longo do texto. Algumas histórias também são muito particulares, e mesmo havendo o consentimento dos interlocutores para inscrevê-las no trabalho, prefiro não informar seus nomes verdadeiros. Sendo assim, chamarei esse estabelecimento de “Bar do Morro”.

O bairro onde o bar está localizado é afastado do centro da cidade de Porto Alegre, sendo servido somente por duas linhas de ônibus e uma linha de lotação. Situado no alto de um morro, o bairro é caracterizado por ruas de pouco movimento e pela ausência de centros comerciais onde há fluxo intenso de pessoas. Há bastantes praças espalhadas por suas quadras, o que faz com que sua paisagem seja amplamente arborizada. É, em suma, um bairro de moradia onde há poucos prédios e muitas casas. Os estabelecimentos comerciais são poucos: alguns bares, duas oficinas mecânicas, um armazém, uma ferragem e uma barbearia. Também há um posto de saúde e duas escolas. Essas são representativas da caracterização social e econômica das pessoas que habitam esse bairro. Há uma escola particular, freqüentada por alunos de famílias com maior poder aquisitivo, enquanto que a uma quadra de distância há uma escola pública, onde, de forma geral, estudam os alunos oriundos de famílias em condições econômicas mais deficientes. Trata-se de uma particularidade do bairro: a convivência de moradores provenientes de “camadas médias” com pessoas de “camadas populares”. Portanto, também marca intensamente a paisagem desse lugar a proximidade das casas dos primeiros com as moradias mais precárias dos segundos.

O Bar do Morro compreende um armazém, uma lanchonete e o bar propriamente dito, localizado na parte interna do estabelecimento. O acesso a esse espaço é bastante característico no lugar. Trata-se de uma porta “estilo cowboy”, como falam os fregueses. Ou seja, duas portas complementares sem maçanetas que não vão nem até o chão nem até o teto, bastando empurrá-las para entrar no local. Ao entrar, se dá de frente com duas mesas de sinuca, localizadas estrategicamente no centro do espaço. À esquerda, se localizam mesas para sentar e pequenos armários em que alguns homens guardam seus tacos de jogo para sinuca. À direita está o balcão, onde há dois objetos peculiares: uma moeda colada de um real (segundo os fregueses, para enganar os bêbados que ficariam tentando pegá-la) e uma placa pendurada de madeira em que se lê “canto do bebum - proibido pra chato”, expressão que deu origem ao título dessa monografia. À direita do balcão, em uma sala totalmente fechada, estão os caça níqueis.

O bar em questão pode ser entendido como um negócio familiar: trabalham ali Gérson, dono do estabelecimento, suas duas filhas e seu genro. A maioria da clientela é formada por homens, o que não impede que, além das funcionárias, também haja mulheres

que freqüentem o local. Trata-se de um lugar que faz parte do cotidiano das pessoas que ali passam seu tempo. O Bar do Morro, assim como o jogo de sinuca, o consumo de bebidas alcoólicas e a sociabilidade que ele proporciona, faz parte do dia-dia de seus freqüentadores.

Há diversos “tragos”¹ entre os fregueses, tanto em termos de preferência por determinadas bebidas como pela freqüência de consumo. A grande maioria dessas pessoas bebe todos os dias, alguns com menos constância e uma parcela ainda menor é, por assim dizer, abstinente. As bebidas preferidas são a cerveja e a cachaça. Essa última é tomada como “martelinho” (dose de cachaça servida em um pequeno copo) por meio de diferentes modos: pura, com limão, com ou sem açúcar, com bitter, suco ou refrigerante e através de variações entre esses elementos. O vinho é consumido muito ocasionalmente, geralmente nos dias frios do inverno. As outras bebidas destiladas disponíveis no bar, vodca e uísque, também são consumidas com menos freqüência, sendo consideradas bebidas eventuais.

O trabalho é composto em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Chegando ao Bar e Sentando-se à Mesa*, o universo de pesquisa é apresentado com mais detalhes, acompanhado de questões de cunho teórico metodológico.

Em *Sociabilidade “de Bar”*, segundo capítulo, o estudo é centrado na sociabilidade e no espaço do bar, através de sua relação com outros ambientes de socialização dos fregueses.

O capítulo precedente, *Bilus, Capotes e Filés*, se centra no jogo de sinuca. Essa atividade está relacionada de maneira muito particular ao hábito de beber, se revelando uma via significativa para pensar o consumo de bebidas alcoólicas. Tenta-se compreender o papel desse jogo no cotidiano do bar e o que ele representa nessa relação social.

O quarto e último capítulo, *Homens, Mulheres e Bebidas*, aborda os elementos valorizados na composição das identidades masculinas entre os freqüentadores do bar. A partir disso, esse capítulo tenta compreender como as relações entre os gêneros dão forma às maneiras de beber entre essas pessoas.

¹ “Trago” designa tanto a bebida (“me vê um trago”) quanto uma forma de beber (“vou tomar um trago”).

Capítulo 1

CHEGANDO AO BAR E SENTANDO-SE À MESA

1.1 O bar

Antes de apresentar com mais detalhes o universo onde a pesquisa se desenvolveu, é interessante descrever a trajetória que me levou a pensá-lo da maneira como estará exposto. No começo do trabalho de campo, a intenção era estudar o consumo de bebidas alcoólicas entre um grupo de indivíduos formado pelos fregueses mais constantes do bar. Porém, ao tentar pensar fronteiras para definir os limites desse grupo, me dei conta da impossibilidade de fazê-lo: as relações entre os indivíduos eram por demais heterogêneas e complexas para achar ali algum tipo de regularidade que me permitisse concebê-los desse modo. Estava caindo naquilo que Magnani (2009) chamou de “tentação da aldeia”: tentar reproduzir na pesquisa que lida com pessoas no contexto urbano as condições homogeneizantes encontradas em tribos mais isoladas. Goldman (1999) entende que isso é fruto do caráter de “modelo”, pensado enquanto exemplo de um tipo de investigação que as “sociedades primitivas” passaram a ser para a antropologia, um molde para recortar o universo a ser pesquisado.

Em vez procurar fronteiras e delimitar grupos dentro do bar, tornou-se mais viável centrar a etnografia no bar como um todo. Isso fez com que o universo de pesquisa se expandisse: o consumo de bebidas alcoólicas é praticado por todos os fregueses que lá bebem e não somente por aqueles que formariam um grupo mais recluso. Todavia, por conhecer esse bar há mais tempo, possuo uma relação mais próxima e uma maior abertura para o diálogo com a clientela mais assídua e com o público masculino do bar. Isso fez com que as idéias contidas nessa monografia fossem mais intensamente discutidas com essas pessoas. No entanto, isso não desqualifica o empenho de centrar o estudo no bar como um todo. Esse tipo de situação é intrínseco a qualquer etnografia: não há como termos acesso de igual forma a todos os indivíduos que compõe o universo de pesquisa.

O Bar do Morro é um dito “bar de bairro”, expressão utilizada tanto pelos freqüentadores como pelo dono. O termo alude a uma relação mais próxima entre os fregueses. Essa classificação é tomada em oposição aos “bares de avenida” ou “de centro”, onde se entende que a rotina é mais rápida e as pessoas que os freqüentam, mais dispersas. Ou seja, tem-se a idéia que nesses locais a clientela do bar passa menos tempo no estabelecimento e não cria, através do convívio cotidiano, laços sociais mais intensos e duradouros. Silva (1978) também atenta para essa diferenciação. O trabalho do autor é

importante por “tipologizar” o botequim de forma que o conceitualiza frente a outras casas de bebida. Suas características principais nessa perspectiva são o número de fregueses constantes e o poder aquisitivo desses:

“Existem alguns tipos de botequins que não possuem freguesia fixa ou, pelo menos, esta é muito reduzida. Em geral situam-se em vias muito movimentadas, em locais visíveis e de fácil acesso. Costumam vender cigarros, café, lanches rápidos, refrigerantes, etc. (...) Pode-se dizer que o outro subtipo é o botequim “por excelência” (...) suas características são as seguintes: a maioria dos freqüentadores assíduos pertence aos estratos que se costuma chamar “classe baixa” – trabalham na construção civil, como biscateiros, pequenos funcionários públicos, ambulantes, etc, todos com baixo nível de instrução e reduzido poder aquisitivo (...). No que se refere a duração e intensidade de freqüência é o botequim que apresenta maior número de fregueses constantes”.

(Silva 1978:83-84)

O Bar do Morro vem passando por sucessivas alterações, sendo a primeira delas a mudança de endereço. Gérson, o dono, mudou o bar para o “outro lado da rua” há uns sete anos. Ali acoplou ao estabelecimento um armazém e uma área externa, em que foi instalada uma cozinha para fazer lanches. Há uns dois anos foi feita uma reforma no bar interno, demoliu-se a parede que dividia esse espaço com o intuito de torná-lo mais amplo. A última novidade foi a instalação de um “telão”², colocado para assistir os jogos da Copa do Mundo de 2010.

O bar cresceu de espetinhos vendidos na esquina até o “bar/lancheria” de hoje. Os clientes antigos que remontam a essa época possuem uma espécie de fidelidade, e também de crédito, com o estabelecimento. Apesar das sucessivas modificações no bar e as conseqüentes elevações nos preços, os fregueses mais assíduos não deixam de freqüentar o local. Há uma clara identificação entre o Bar do Morro e a sua clientela. Logo na entrada, por exemplo, observa-se uma colagem de fotos antigas dos principais freqüentadores.

As “atividades” que ali ocorrem são três, todas mediadas pelas conversas e pelo consumo de bebidas alcoólicas. Joga-se sinuca: há uma mesa para jogos descompromissados e uma para jogos “sérios”, cujas apostas valem dinheiro. O jogo é aberto a todo público do bar, tornando-se motivo de conversas e desentendimentos que se renovam a cada partida disputada. Quem está jogando sinuca está sempre disponível para chacotas, palpites e brincadeiras.

² “Telão” é uma expressão utilizada pelos fregueses. Trata-se de uma televisão de 38” de tela plana.

Também se joga cartas, mais especificamente o jogo escova³. Essa atividade é mais reservada que a sinuca, sendo jogada por duas pessoas mais isoladas do “agito”. A escova demarca uma relação de amizade mais próxima por ser disputada entre pessoas que já se conhecem e se convidam. É inadequado tentar conversar com quem está jogando ou ficar fazendo intromissões na partida. Já o jogo nos caça-níqueis é mais camuflado entre os freqüentadores, visto que sua prática é legalmente proibida. Mesmo assim não deixa de ser importante na rotina do bar e uma possibilidade de entretenimento. Como as máquinas se encontram em uma sala totalmente fechada, só são utilizadas pelos fregueses mais familiarizados com o bar, que sabem onde elas estão.

O bar possui certa rotina em seus horários. Nos dias de semana, o bar abre por volta das 9h da manhã. Antes do meio dia, contudo, só se encontram no Bar do Morro alguns fregueses “de passada”. Esses não ficam mais que dez minutos e vão nesse horário somente para comprar algo no armazém ou conversar um assunto rápido com quem encontram por ali. Nas primeiras horas da tarde já chegam algumas pessoas que sentam às mesas e pedem alguma bebida. Geralmente são aposentados e é por essa hora, em função de haver poucas pessoas no bar, que acontecem os jogos de carta. É nesse horário que eu também aparecia no estabelecimento, quando queria conversar com alguém de modo mais reservado e particular.

Pelas cinco horas o bar começa a abrigar mais clientes. A rotatividade de fregueses passa a ser grande, as conversas são em tom de voz mais alto e passam a integrar mais pessoas. O pico do lugar, em termos de agitação, é por volta das sete horas da noite. É nesse horário que são jogadas as grandes partidas de sinuca, que o bar fica mais “cheio” e que se consome a maior quantidade de bebidas alcoólicas. É raro alguém chegar ao bar a partir das 21h, nesse horário os fregueses já vão indo embora, e às 22h o estabelecimento fecha. Já aos sábados o movimento mais intenso de fregueses se estende até um pouco mais à noite, até às 22h. Aos domingos o bar é um lugar mais pacato, com poucas pessoas dispersas pelas mesas. É também nos finais de semana que se encontram mais mulheres pelo estabelecimento.

1.2 Os fregueses

Ao não intuir que os freqüentadores do Bar do Morro se articulam na forma de um grupo, é mais correto compreendê-los enquanto uma rede social. Segundo Elizabeth Both

³ No jogo de escova cada participante recebe quatro cartas. O objetivo é somar 15 através da junção de uma carta da mão com as cartas “públicas”, que estão “na mesa”. Há uma série de regras, como cartas e naipes que valem mais pontos, porém o objetivo geral é somar a maior quantidade de cartas.

(1976), a rede difere do grupo por não ser organizada e homogênea, estabelecendo relações sociais de forma mais ampla. A expressão “rede social ilimitada” de Barnes (1987) é apropriada nessa pesquisa. Nessa perspectiva, qualquer pessoa que faça parte do universo de pesquisa é parte integrante da rede.

A noção de rede social é usada na antropologia tendo em vista a análise e a descrição de processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias (Barnes 1987). Entendo por rede, então, o conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos. Deste modo, ainda que seja importante entender os fregueses do Bar do Morro em forma de rede social, para dar a idéia de que não formam um grupo coeso, não irei entrar em discussões específicas do conceito, como por exemplo, seu grau de densidade (Barnes 1987) ou se ela é de “malha estreita” ou “malha frouxa” (Both 1976). Isso porque esse conceito é pensando nesse trabalho enquanto uma categoria descritiva e não analítica.

Apesar de essas pessoas estarem relacionadas na forma de rede social, dentro do bar há a formação de pequenas “rodas de conversas” mais circunscritas. Isso, no entanto, não quer dizer que as pessoas não venham a ter relações com outros indivíduos localizados em outros círculos sociais dentro do bar. Essas concentrações menores geralmente são tênues e muito variáveis, havendo um fluxo muito grande de deslocamento de indivíduos entre as conversas. Portanto, apesar de a sociabilidade no bar por vezes acontecer na forma de círculos menores de relação, a todo o momento os indivíduos “passeiam” pelo estabelecimento, se relacionando uns com os outros.

Entendo os indivíduos situados no universo de pesquisa como pertencentes a “camadas populares”. Essa categorização é tomada a partir de suas próprias percepções sobre suas condições sociais e pela concepção deles sobre a minha situação enquanto um sujeito de “classe média”. Duarte, ao trabalhar com “classes trabalhadoras”, também adota esse termo baseado nas formas como os sujeitos expressam a partir dessa condição, de depender exclusivamente do próprio trabalho para a reprodução social, sua “marca precípua de auto-identificação positiva” (Duarte 1986:10).

Esse critério está de acordo com a “flexibilização” da noção de cultura como sistema simbólico tomado pelo autor para pensar diferenças entre segmentos sociais em sociedades complexas. Segundo Duarte, os postulados de universalização, totalização e coerência do conceito de cultura enquanto “chave simbólica” são inadequados para dar conta de uma realidade dividida em diversas identidades e marcada pela reprodução da diferença e de ilegitimidades (Duarte 1986:123). Frente a isso, propõe que a idéia de sistema simbólico seja

entendida de modo flexível, para que os diversos níveis em que o recorte do observador se detém possam ser chamados e entendidos enquanto “cultura”. Torna-se viável dessa maneira falar em “cultura operária”, “cultura popular”, e “cultura das classes trabalhadoras”, etc.⁴

Tais recortes exigem, por sua vez, um referente sociológico (Duarte 1986). Porém, o que irá determinar esses referenciais serão os sistemas simbólicos que os subentendem. Duarte está pensando na existência de níveis de “compartilhamento cultural” dentro de sociedades modernas. Assim as “unidades sociológicas” (grupos, etnias, famílias, classes, etc.) são dessubstantivadas, a fim de serem compreendidas pelas significações que têm para as pessoas que as vivenciam (Duarte 1986:125). Por isso, então, a importância de perceber como os sujeitos situados no campo expressam as distinções sociais e a que fronteiras simbólicas elas fazem referência.

Digo que são sujeitos oriundos de “camadas populares” para tentar demonstrar o contexto em que a etnografia se desenvolveu e as pessoas com as quais lidei. Para mim essa interpretação sempre foi clara na medida em que essa distinção veio dos interlocutores. Várias foram às vezes em que ouvi alusões à condição “difícil” e “precária” de suas vidas e, em momentos mais informais, ao caráter “tosco” e “chinelão”⁵ do bar e dos próprios fregueses. Silva faz semelhante referência no seu estudo sobre botequim:

“Existe uma nítida noção de inferioridade em quase todos os aspectos da vida cotidiana (...). Assim, por exemplo, “bacana” significa a pessoa que tem mais dinheiro que os fregueses, em melhor condição financeira. “Doutor” indica, de um lado, a pessoa “que tem estudo” e, de outro, aquela que ganha muito dinheiro executando um trabalho fácil. Estes e outros termos servem para designar genericamente as pessoas de classe social mais alta que a dos fregueses, sua utilização depende do assunto que está sendo tratado no momento”.

(Silva 1978:104)

Todavia, não acho que se trate de uma “noção de inferioridade” que esteja sendo expressa. No convívio que tive com esses homens, tais situações sempre apareciam para afirmar sua experiência enquanto segmento social e sua especificidade enquanto tal. Eram os aspectos positivos dessa condição que emergiam quando falavam, por exemplo, que apesar de não possuírem salários altos, a situação era contornada através da amizade e do mútuo auxílio, evocando certa idéia de coletividade. Ou também alegando que seus trabalhos são

⁴ Luis Fernando D. Duarte também faz um apanhado de como “os estratos inferiores” da sociedade foram analiticamente tratados pelas Ciências Sociais ao longo de seu desenvolvimento (Duarte 1986).

⁵ “Chinelão” é uma expressão utilizada pelos fregueses. Designa um aspecto popular, barato e acessível ao que se quer caracterizar.

“difíceis”, que exigem uma forma particular de conhecimento e que muitas pessoas provenientes de segmentos sociais privilegiados não teriam capacidade de realizar.

Nesses aspectos, de alusão a uma idéia de coletividade e de valorização por uma forma singular de trabalhar, o trabalho de Duarte é novamente pertinente. De acordo com o autor, a cultura das classes trabalhadoras urbanas é fundamentalmente hierárquica e holista em (e principalmente por) oposição à “ideologia individualista, que referencia a versão letrada e ideal da cultura moderna” (Duarte 1986:135). Holista no sentido de aludir a uma preeminência explícita e direta do “grupo” ou “comunidade” sobre aquilo valorado como “individualidade”; e hierárquica no sentido de diferencialidade e relacionalidade marcada pela oposição aos valores da classe média (na valorização do tipo de trabalho, por exemplo).

Os freqüentadores do Bar do Morro são, então, majoritariamente homens. Trabalham como pedreiros, eletricitas, mecânicos, cobradores de ônibus, motoristas, jardineiros, funcionários públicos, operários, marceneiros, etc. Na sua maior parte são empregos de baixa remuneração, existindo, porém, uma minoria, de umas quatro pessoas, com rendimentos mais elevados, considerados como sujeitos “bem de grana”. De forma alguma esses são hostilizados ou excluídos em função disso. Pelo contrário, por possuírem uma renda mais elevada são estimados por se envolverem nas relações sociais do bar.

1.3 A bebida nas ciências sociais

Não tenho pretensão aqui elaborar um amplo mapeamento dos estudos sobre álcool nas Ciências Sociais. Entretanto, para situar o presente trabalho e para expor as principais referências, é importante mencionar os aspectos gerais do desenvolvimento dessa temática.

Alzuguir (2010) propõe que na década de 1940 começam a surgir na antropologia os primeiros estudos sobre álcool. Entretanto, os trabalhos antropológicos sobre bebidas só irão se constituir em um campo de categoria analítico na década seguinte, a partir dos anos 1950 (Neves 2004). Nesse contexto, os antropólogos fazem a crítica aos efeitos negativos do uso do álcool na “cultura folk” de sociedades não ocidentais e não industrializadas⁶.

A partir de 1970 a antropologia expande as análises sobre o beber para “sociedades modernas”. Com a inclusão de dados e fontes de especialistas da área médica, os recortes se dão principalmente sobre as classes trabalhadoras e médias. Antropólogos se integram a equipes de serviço de clínicas de saúde e a centros acadêmicos sobre o tema, se juntando a

⁶ Para uma revisão mais apurada da temática ver: Neves (2003, 2004).

outros profissionais para estudar o álcool através de seu uso considerado patológico. Esses estudos então associam o consumo alcoólico à desagregação social através da sua ligação, por exemplo, a fenômenos como o desemprego e a desestruturação familiar.

A partir dessa conjuntura, surge um debate pela relativização da dimensão do problema (Neves 2004). A relação anomia/alcoolismo é proposta em outro sentido que os trabalhos associados à perspectiva médica: o primeiro fenômeno passa a ser encarado enquanto fator causante do segundo, e não como consequência deste (Neves 2004). É ressaltada também a necessidade da relativização do termo alcoolismo, devendo-se atentar para sua historicidade. Ao afirmar a condição cultural do beber, a antropologia nesse momento está em contraste com a epidemiologia. Essa perspectiva se consolida na medida em que a etnografia abrange as sociedades e segmentos sociais dos próprios antropólogos (Neves 2004). Um trabalho marcante nesse contexto é a coletânea de textos organizados por Mary Douglas: *Constructive Drinking: Perspectives on drink from anthropology* (1987). Nesses estudos, o consumo de álcool é visto no seu potencial para o entendimento de formas de pensamento e ação que orientam o comportamento social.

Na França, Neves (2004) também afirma que há o esforço para construção de uma perspectiva para o estudo do consumo de bebidas alcoólicas. O objeto é caracterizado pelos diferentes modos de ingestão de bebidas a partir das práticas sociais implicadas, dos valores subjacentes e da sociabilidade. Há uma recusa por parte desses estudos à incorporação de categorias médicas, enquadrando a equação “alcoolismo e doença” em contextos específicos.

No Brasil, uma referência importante é o artigo de Silva (1978). O autor busca apreender os significados do botequim, o que esse tipo de estabelecimento representa e para que segmento da sociedade. Silva elabora uma descrição das relações sociais no bar, demonstrando como se organizam as pessoas dentro desse estabelecimento. Discorre também sobre a visão de mundo dos frequentadores, concluindo que frequentar o botequim seria um esforço por se integrar em uma sociedade urbana industrializada (Silva 1978).

Outro trabalho importante para o presente estudo, que tem nos bares parte do universo de pesquisa é “Jogo de Corpo (1997) de Guedes. A autora chega a esses locais com a intenção de compreender a identidade masculina de homens trabalhadores. Esses locais aparecem como espaços privilegiados onde essas identidades são negociadas e postas em jogo. Mesmo não sendo seu objetivo principal, reflete sobre o que esses trabalhadores entendem por “alcoólatra” e quais os limites do beber. Para a autora, desde que o hábito de consumir bebidas alcoólicas entre camadas populares não interfira nos papéis e responsabilidades de homem/trabalhador, tal prática não é considerada negativa. A dissertação de mestrado de

Jardim, “De Bar em Bar” (1991), é outra referencia nessa pesquisa. A autora também objetiva problematizar a construção de identidades nos bares, centrando seu foco na dimensão de gênero. Demonstra, a partir das falas dos homens situados nos “botecos”, como nesses espaços se articula a construção de uma identidade masculina.

Os trabalhos etnográficos sobre bares também estão preocupados com as formas de lazer dos indivíduos na cidade. O tempo passado no bar é percebido como oportuno para se pesquisar visões de mundo, comportamento, relações sociais, etc. Contudo, o estudo sobre lazer nem sempre foi considerado como prioritário para as Ciências Sociais. É com a reabertura democrática e a emergência de camadas populares como um novo ator político que a antropologia passa a se interessar sobre seus modos de vida, o que pensam, fazem e de que forma. (Magnani 2009). Um trabalho importante nesse contexto é o de Magnani “Festa no Pedaco - Cultura Popular e Lazer na Cidade” (1984). O tempo de lazer é visto como privilegiado para a compreensão dos modos de vida das pessoas em função da disponibilidade de escolha frente a inúmeras possibilidades de divertimento. Tal processo diz respeito a uma mudança mais profunda nas Ciências Sociais. É quando o tempo destinado ao prazer não é mais visto como uma dimensão da dominação de classe que as atividades cotidianas e a escolha por uma forma específica de passar o tempo livre passam a ter maior relevância para a antropologia.

1.4 Problematizando fronteiras

Comecei a pensar em estudar consumo de bebidas alcoólicas em função de certo ceticismo e desconforto quanto aos “testes de alcoolismo” vinculados por periódicos médicos e por organizações de saúde. Tais testes são supostamente baseados em um saber médico que reivindica a capacidade de mensurar o grau de dependência alcoólica de um indivíduo através de perguntas referentes a quantas vezes se bebe por dia, por semana, em quais ocasiões, etc ⁷. Através das leituras, me dei conta que se o fenômeno do alcoolismo era muito mais complexo do que um questionário poderia dar conta, o consumo de bebidas alcoólicas era um fenômeno ainda mais abrangente.

Houve a motivação para elaborar um projeto nessa temática ao me dar conta que há a freqüente reflexão por parte das pessoas que freqüentam o Bar do Morro sobre seus “hábitos alcoólicos”. Como escreveu Guedes (1997), o comportamento excessivo não é considerado

⁷ Maurício Fiore (2002) e a Revista Veja, 07/09, matéria “A bóia da prevenção”, expõe alguns desses testes.

um tabu nas “conversas de bar”. Afirmações sobre o que é adequado e o que não é, as maneiras de etiqueta de como evitar o bebedor problemático e o auto-policimento no beber são todos assuntos freqüentes e familiares para quem compartilha do cotidiano do Bar do Morro. Dessa forma, a pesquisa trata de problematizar as fronteiras entre aquilo que pode e aquilo que não pode no consumo de bebidas alcoólicas.

Assim fui a campo com uma série de indagações relativas ao que é o prescrito e o proscrito no consumo de bebidas alcoólicas: o que, no universo de pesquisa, constitui o positivo e o negativo, o adequado e o inadequado no beber? O que demarca o excesso? Que valores estão atribuindo sentidos a essa noção? Que riscos são percebidos no consumo de bebidas alcoólicas?

1.5 Caráter sociológico das maneiras de beber

O objeto da pesquisa são as concepções dos interlocutores acerca da prática social e cotidiana do consumo de bebidas alcoólicas: seus entendimentos do que configura o uso e o abuso dessas bebidas. Definindo conceitualmente, são as “maneiras de beber” no universo em questão. Neves formula: “construções sociais orientadas por atitudes e crenças que definem proscições e prescrições” (Neves 2003:79).

O consumo alcoólico é considerado social quando, dotado de regras, é regido por valores que dizem respeito às pessoas que o praticam. Nesse sentido, é em função da própria condição social da ingestão de álcool sob a possibilidade da embriaguez problemática que há a construção de regras restritivas a essa alternativa (Neves 2003). Essas regras vão englobar quem deve e quem não deve beber, em que contexto e na companhia de quem. A prática do consumo alcóolico está então inserida num conjunto de valores, representações e organizações sociais. Essas nunca são as únicas possíveis, cada sociedade vai elaborar momentos, bebidas e lugares propícios para o consumo alcoólico.

O conceito proposto por Neves (2003) engloba tanto o “beber positivamente” quanto o “beber negativamente”. Ambas as concepções são pólos antagônicos de uma mesma “maneira de beber”. Portanto, as transgressões não podem ser entendidas se apartadas das prescrições (Neves 2003). O uso problemático do álcool está incluído como uma possibilidade dentro das maneiras de beber vigentes: os divergentes partilham dos mesmos valores que os não desviantes. A qualificação do problemático, dessa forma, é a denúncia coletiva da transgressão (Neves 2003). Essa discussão dá margem para a opção metodológica de procurar

tanto o adequado quando o inadequado no universo de pesquisa, percebendo que valores sociais dão sentido a essas concepções.

Nesse ponto, Gilberto Velho (1985) levanta uma questão elucidativa. Para o autor, não é que os desviantes se encontrem situados fora das formas culturais vigentes, não são divergentes por possuírem outros referenciais simbólicos. Por outro lado, esses indivíduos fazem uma leitura diferente da cultura, possuem outra interpretação das regras sociais. Nessa perspectiva, o desviante não existe em si mesmo, mas na relação de acusação com o outro. Os grupos sociais, então, criam o divergente ao estabelecer regras cuja infração qualifica o desvio (Velho 1985). Essa discussão é importante para perceber que o sujeito que diverge nos modos de beber pode não o fazer em outros aspectos da vida social.

A constatação de que práticas coletivas são presididas por regras demonstra o caráter sociológico dessas práticas. Em o “Ensaio sobre a Dádiva”, texto de Marcel Mauss (2003), observa-se que o isolamento de certos fatos sociológicos se justifica pela sua condição obrigatória. As várias formas de reciprocidade em diversas sociedades podem ser estudadas na sua especificidade sociológica através da obrigação de dar, receber e retribuir presentes. Isso não significa que o estudo tenha que focalizar somente o caráter normativo de uma regra, atribuindo às maneiras de beber um caráter exclusivamente coercitivo. O ensaio de Mauss é fundamental exatamente por considerar a reciprocidade além de sua condição normativa, percebendo que a regra de reciprocidade pode garantir que um sistema de comunicação funcione (Badcock 1976).

Ao problematizar as regras que conformam as práticas sociais não pretendo elaborar uma interpretação que as pense estritamente em seu caráter coercitivo. É importante notar que as positivities e negatividades são conformadas por valores que são compartilhados por aquelas pessoas, fazendo com que as regras sejam dotadas de sentido. Entendo que é através da compreensão do que é o prescrito e o proscrito que se pode objetivar o que os homens buscam e o que evitam em suas relações com o álcool. Saber as fronteiras entre o adequado e o inadequado é um meio para entender o significado daquela prática na medida em que se compreende o que os indivíduos almejam e do que pretendem se distanciar no beber.

É então importante perceber quais são as positivities que o álcool traz para a sociabilidade em questão, mas não para a partir disso explicá-lo ou compreender seu sentido. Não se vai encontrar uma razão suficiente que expresse porque aqueles homens vão ao bar, consomem bebidas alcoólicas e apostam dinheiro da maneira como o fazem. Os costumes e os hábitos não podem ser avaliados por suas necessidades instrumentais, pois a cultura possui uma autonomia fundamental em relação a essas (Sahlins 2003). Ao conduzir a reflexão desse

modo, quando não se achar uma razão suficiente para os indivíduos beberem no bar, irá se entender essa prática como desprovida de sentido. Compreender as positivities do álcool naquela sociabilidade então é o meio e não o fim para esse trabalho antropológico.

1.6 Compreensão significativa do beber

A pesquisa objetiva construir um mapeamento dos valores que norteiam o consumo alcoólico. De forma mais ampla, se pretende compreender quais as relações que essas pessoas mantêm e desenvolvem com as bebidas. Quer dizer, como a prática social de beber é significada dentro da experiência cotidiana daqueles homens. Espero desse modo também perceber como esses homens constroem seus próprios entendimentos sobre o beber, a que valores essas noções estão atreladas e que conduta referenciam.

Na formulação do projeto, essa discussão estava assentada no pressuposto da existência de um “código moral” propriamente dito e de formas de subjetivação a esse código: a norma e o comportamento real dos indivíduos em relação a essa norma. Contudo, a dicotomia entre esses dois elementos produz uma reflexão em que as regras estão opostas à ação. Assim têm-se dois objetos em conflito: a normal cultural, primeiro objeto, coagindo e freando o comportamento real, segundo objeto (Sahlins 2003).

Tal pressuposto troca o conteúdo significativo de uma prática por sua verdade funcional, privando a cultura de sua qualidade simbólica (Sahlins 2003). Trata-se então de compreender o que é valorizado pelas pessoas que frequentam o Bar do Morro e quais as relações entre esses elementos. Em outras palavras, como o consumo de álcool é vivenciado através de suas regras, e não contra elas.

Mesmo tendo nas maneiras de beber o objeto de pesquisa e no objetivo a compreensão significativa dessa prática, não se pode pretender isso sem relacionar o beber a outros aspectos próprios daquele tempo e espaço do bar com os quais a bebida possui relação. Assim a sociabilidade masculina, sinuca, trabalho, lazer, corporalidade, etc. são pensados na relação com o consumo alcoólico.

1.7 A antropologia para o consumo de bebidas alcoólicas

Essa pesquisa trata do consumo de bebidas alcoólicas enquanto fenômeno cultural, como uma prática constituinte de laços sociais (Douglas 1987). Entendo que é nesse sentido que a antropologia pode dar uma contribuição valiosa no que diz respeito aos estudos do

álcool: uma abordagem qualitativa tem a possibilidade de fornecer um entendimento mais abrangente sobre o beber, valorizando o pensamento das pessoas em relação a essa prática. Isso significa entender o bebedor problemático dentro de seu específico contexto, como um sujeito que ocupa um lugar particular dentro daquelas “maneiras de beber”. Portanto, o ato social de beber deve ser estudado levando-se em conta os “sistemas de crença no controle do comportamento e da socialização” (Neves 2003:80).

Pressuposta à escolha do bar se escolheram os “adeptos do álcool”, na linguagem de Silva (1978:111). Para realizar um estudo que trate da doença alcoolismo, uma melhor opção metodológica seriam os grupos antialcoólicos, que tomam para si esse rótulo (Neves 2004). Claro que dentro desses objetivos as noções de beber problematicamente e a questão da transgressão são postas em jogo. Porém, até que ponto essas transgressões se enquadram para os interlocutores como um quadro de dependência categorizado pelo termo “alcoolismo” é uma questão que pode ser abordada pela etnografia, e não pressuposta a essa.

Nesse sentido, é fundamental perceber a historicidade do surgimento da expressão “alcoolismo” enquanto sinônimo de doença, tendo em vista todo o contexto político e social em que esse conceito emergiu. De acordo com Neves (2004), tal categoria é fruto da consolidação de uma ideologia individualizante que acompanhou o desenvolvimento das sociedades urbanizadas. Ao levar em conta seu caráter histórico e social, percebe-se que de forma alguma essa noção é naturalizada na sociedade. Compreender o beber como uma prática na sua especificidade social já pressupõe diferentes interpretações sobre seus usos e abusos. Portanto, o termo “alcoólatra”, como condição do sujeito portador da doença alcoolismo, não pode ser tomado como base fixa para compreensão das relações dos indivíduos com as bebidas alcoólicas.

Gilberto Velho (1981) levanta um ponto interessante nessa discussão. Para o autor, um problema do estudo de sociedades complexas é o da convivência entre diferentes segmentos sociais. Problema que remete à própria natureza do conceito de cultura: o que é particular (diz respeito a um grupo ou segmento social) e o que é universal (conjunto de símbolos homogeneizantes)? A fim de percebermos dentro dos diferentes segmentos sociais as fronteiras simbólicas que os definem, é necessário identificarmos os temas valorizados e as escalas de valores compartilhados. Ou seja, perceber onde podemos achar experiências suficientemente significativas que dão sentido a essas fronteiras. Assim, descontinuidades sociais vão corresponder a diferenças no uso da linguagem e na expressão cognitiva: como os indivíduos expressam suas emoções e sentimentos através da linguagem verbal são indicações

da experiência e das fronteiras simbólicas de indivíduos localizados em segmentos sociais específicos.

É nesse ponto que acho importante a discussão do termo alcoolismo com a realidade na qual me deparei. De acordo com Gilberto Velho (1981), têm de se delimitar os campos de comunicação que serão maiores ou menores em função do grau de universalização da linguagem utilizada. A noção alcoolismo pode não fazer sentido para indivíduos que possuem suas concepções calcadas em outro tipo de linguagem e outros domínios culturais. Não se quer dizer com isso que essas pessoas não desenvolvam dependência química e não vejam no álcool uma substância com esse potencial. Mas sim que essas questões, nesses termos, não são problemas centrais.

Nesse sentido, as formas como essas pessoas se referem ao álcool e a todos os elementos relacionados a essa substância (o beber, os bebedores, o bar etc.) é indicativa de suas experiências com o consumo de bebidas alcoólicas. A expressão “alcoolismo” praticamente não surgiu em campo. No entanto, entrei em contato com um vasto campo semântico sobre situações específicas do cotidiano do bar. “Morder” alguém, por exemplo, é conseguir dinheiro emprestado; “exu” é quem sempre está pedindo dinheiro; “filé” é um sujeito muito fraco na sinuca, “zabu” é chamado o sujeito que dá muitos palpites no jogo de sinuca de outras pessoas, “a mil pelo Brasil” ou “embalado” são expressões que designam o sujeito a caminho de ficar bastante embriagado, etc. Isso é ilustrativo dos temas valorizados por esses indivíduos e do modo como elas compreendem e lidam com os fenômenos da vida social.

Trabalhos que dirigem seus esforços para as “maneiras de beber” correm o risco de “glamourizar” a dependência alcoólica através da relativização irrestrita desse consumo. Como afirma Jardim (2004), isso pode acontecer ao relevar o sofrimento e a angústia dos que se encontram nesse estado. Na tentativa de fugir da categoria “alcoólatra”, estudos podem acabar por reafirmar esse conceito ao procurar “bebedores problemáticos” para compor o universo de pesquisa. Entendo que tal crítica pode ser feita a trabalhos que, dentro dos objetivos de mapear o consumo de bebidas alcoólicas, não conseguem identificar em que constitui o beber problemático dentro das maneiras de beber em questão. É uma crítica válida a trabalhos que, com objetivos de estudar o fenômeno do alcoolismo, vão ao espaço do bar procurar “alcoólatras inveterados”, transformando-os em “informantes em potencial” (Neves 2004).

Esse trabalho procura entender o “bebedor problemático” dentro do contexto onde estão inscritos seus modos de consumo alcoólico. É necessário entender quais regras foram infringidas para que um indivíduo seja assim acusado, e isso só se dá através da relativização

da prática social de beber. Assim como não se deve tentar entender os grupos antialcoólicos através de categorias contextualizadas no “bar”, também não se deve compreender o beber nos bares através de categorias dos antialcoólicos (Alzugir 2010). Dentro disso, a escolha metodológica por praticantes do consumo social de bebidas alcoólicas me pareceu uma opção coerente.

1.8 A Etnografia

A etnografia, enquanto base para a pesquisa antropológica, não pode ser entendida como um mero conjunto de técnicas que podem ser destacadas de uma reflexão maior sobre a unidade do trabalho. Não se pode separar o método, esquema conceitual e a particularidade do objeto de pesquisa (Magnani 2009). Assim as afirmações feitas sobre o método etnográfico dizem respeito somente a esse estudo. De forma alguma se pretende generalizar as proposições, elaborando uma espécie de julgamento sobre o que é e o que não é “ser etnográfico”. Através da leitura de outros autores, trata-se de um entendimento particular meu e de como isso é posto em prática na pesquisa.

Entendo a etnografia como uma específica postura intelectual (Geertz 1989) em que há a aprendizagem de categorias êmicas através de teorias de longo alcance. É um esforço para apreender de acordo com o próprio aparato intelectual a lógica e as categorias próprias do campo através de um projeto de convívio próximo (Magnani 2009). Partindo disso, o campo não existe por si só, pronto para “ser desbravado”, mas é produzido através da postura etnográfica. Fazer etnografia, então, não é só “estar junto” com os informantes, mas sim, a partir de um situamento específico dentro do universo de pesquisa, entrar em contato com uma realidade imediata e produzir uma reflexão teórica, não havendo uma separação entre esses momentos (Magnani 2009).

Essa reflexão torna-se essencial no caso de meu campo. Como se trata de um universo em que possuo contato anterior, foi a partir do desenvolvimento dessa postura, conjuntamente com o começo das leituras sobre a temática, que o “campo” se consolidou. Desse modo que questões se formaram e antigos acontecimentos, histórias e impressões foram repensadas dentro de uma nova perspectiva. De certa forma, eu já “estava junto” daquelas pessoas, porém me faltava essa reflexão, a postura etnográfica de atenção permanente. Esse re-situamento me forneceu o estranhamento que necessitava frente a essa rede de indivíduos que me era familiar.

